

A man with a beard and a brown cowboy hat is seated, playing an acoustic guitar. He is wearing a light-colored shirt with a blue neckerchief and dark trousers. The scene is set in a room with a window in the background, through which a dark landscape is visible. The lighting is warm and dramatic, highlighting the man and his instrument. In the top right corner, there is a dark rectangular box containing the text '50 ANOS' in gold, with a small logo inside the '0'.

50
ANOS

CRISTHIANO PERUZZI

VERSEJAR

VERSEJAR

Titulares Conselho Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop
Edinéia Pereira da Silva
Carla Zenita do Nascimento
Angela Sikorski Santos
Sidnei Gripa
Rosana Paza
Wallace Nóbrega Lopo
Jeisa Benevenuti
Ricardo José Engel
Eliane Kormann
Pastor Claudio Siegfried Schefer

Suplentes Conselho Editorial

Rosemari Glatz
Aline de Souza
Elisiane Mafezolli
Luzia de Miranda Meurer
Fernando Luís Merízio
Sérgio Rubens Fantini
Rodrigo Blödorn
Julia Wakiuchi
Arina Blum
Joel Haroldo Baade
Jorge Paulo Krieger Filho

Projeto Gráfico e Diagramação

Maria Alice Mattoso Camargo

Revisão

Rosana Paza

Reitora

Rosemari Glatz

Vice-Reitor e Pró-Reitor de Administração

Sergio Rubens Fantini

Pró-Reitor de Graduação

Sidnei Gripa

Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Edinéia Pereira da Silva

Produção Editorial

Equipe Editora da UNIFEBE

Coordenação Editorial

Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop
Arina Blum
Rosemari Glatz

Capa

Giovanna Zemke
Maria Alice Mattoso Camargo

Ilustração

Maria Alice Mattoso Camargo

Cristhiano Peruzzi

VERSEJAR

Editora Unifebe

Editora UNIFEBE
Centro Universitário de Brusque - FEBE
Rua Vendellino Maffezzoli, 333, Bairro Santa Terezinha
Brusque - SC, CEP 88352-360
Caixa Postal 1501
(47) 3211-7000
www.unifebe.edu.br
editora@unifebe.edu.br

Peruzzi, Cristhiano
Versejar / Cristhiano Peruzzi. - Brusque : Ed.
UNIFEBE, 2023.
92 p. ; 1121 KB.

ISBN 978-65-86346-80-0

1. Poesia brasileira. 2. Poesia. 3. Gaúcho. I. Título.

CDD B869.1

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2023 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/livros são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Esta obra é dedicada à:

Derli Caetano da Pieve (tio Cate) – In Memoriam

Jayme Caetano Braun – In Memoriam



AGRADECIMENTOS

É com grande carinho que agradeço a cada pessoa que contribuiu, de alguma forma, na construção deste sonho.

Pela Inspiração: Jayme Caetano Braun (In Memoriam), Gujo Teixeira, Silvano Saragoso, Luiz Marengo e Thedy Correa.

À artista que desenvolveu com maestria as artes da obra: Giovanna Zemke.

À Professora, Rosana Paza, meu eterno agradecimento pelas correções e revisões ortográficas da presente obra, não tenho palavras para expressar a gratidão.

Agradecimento especial à minha família, em especial, meu alicerce: à minha esposa Marília Froes Alves, por todo entusiasmo e cumplicidade em fazer este sonho se tornar realidade.

E tenho dito!



APRESENTAÇÃO

É uma homenagem a tudo que me moldou, criando versos(ões) de mim. Em absoluto, são singelos versos, nos quais, destaco a honra de ser Gaúcho e a paixão pelo que o Rio Grande do Sul representa na minha forma de ser.

Cometi, dessa forma, o atrevimento de escrever payadas, mas não sou payador. Longe disso. Defino-me como um admirador de Jayme Caetano Braun. Essa referência autoral e cultural criou dentro da minha cabeça, movimentos de inspirações, para quem sabe, de alguma forma, tentar estabelecer uma estrutura poética. Com muito carinho e respeito: Por nossa gente e tudo aquilo que cada um representa nesse universo cultural.

Luiz Marengo, outra vez, na apresentação do disco “Pra o meu Consumo”, definiu: “Não sou guitarrero, mas amo essa guitarra. Cantor? Talvez. Gosto de cantar a minha terra, a minha gente.”

É exatamente, isso! De novo, não sou poeta e tampouco, payador, mas gosto! O desejo de aproximar as pessoas através de histórias e “causos”, enriquecem, principalmente a alma, nessa arte de viver.

Do Autor.



SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Apresentação.....	9
Pra quem conta um causo.....	13
Por onde andar um missioneiro.....	17
Quando a cidade encontra o campo.....	21
O paraíso não foi perdido.....	27
A arte de matear solito.....	33
Marcela do campo.....	39
O mate e eu.....	45
Um chasque a Don Nicola.....	51
Carrero pro clube.....	57
Futebol no Ivay.....	63
Tio Cate.....	69
Payada da Ausência.....	77
Epílogo.....	83
Não sou Payador.....	85
Sobre o Autor.....	89



PRA QUEM CONTA UM CAUSO

Pra quem conta um causo
Traz o sentimento consigo,
E se tu não és gaúcho,
Escute bem o que digo:

Seja um causo de mentira ou verdade,
De amor ou de maldade
O que importa é a essência,
Que preserva a amizade.

De São Luiz Gonzaga ao Chuí
Da capital à Vacaria,
Não importa a procedência,
Um novo caso se anuncia.

Contava o finado Tio Cate,
Certa feita, topou com o homezinho
Que com ele fez só um trato:
cada um segue o seu caminho!



VERSEJAR

Não se duvida de um causo charrua:
O que se foi, não volta mais.
Assim te conto de verdade amigo,
É a história que cada um faz!

*Não importa o momento, contar um
causo exige atenção aos detalhes da
prosa e de preferência, a companhia de
um chimarrão, bem cevado.*

*Dependendo de quem conta um causo,
uma madrugada se torna curta.*



POR ONDE ANDAR
UM MISSIONEIRO

Da volta do Ijuí grande
Nasceu o bravo pampiano
De alma um índio vaqueano,
Que ao além mundo se expande
No peito rude, não há quem mande
Quando o sentimento se aflora
E leva de arrasto, campo afora
Instinto missioneiro pelibrande.

Rústico gaúcho guerreiro
Que não esquiva uma invernada,
Nesta indevassável estrada
Sempre regalando o primeiro.
Ao abrir o caminho da picada
Buscando espaço no entrevero,
Assim é a vida de um missioneiro,
Quando sai numa tocada.

No andar do dia a dia
Se percebe de onde ele veio
Índio chucro e sem rodeio,
Que em qualquer canto se cria
Pois no berço da terra vermelha
Que se faz viva no paysano
Pode sair e entrar ano,
Não se esvai a farroupilha centelha



Apeando e rezando ao padroeiro
Vai cruzando o varzedo
Tentando não demonstrar medo
Por se apartar do poveiro
Levando dentro do peito
Uma verdade e a dignidade
De quem não se entregou a maldade
E leva o Rio Grande em sinal de respeito.

Denomina-se missioneiro, aquele que nasceu em uma das cidades onde ocorreram as reduções jesuíticas dos Sete Povos das Missões. Com todo respeito as demais regiões do Rio Grande do Sul, mas ali, se viveu um tipo de sociedade que foi modelo a todo mundo. Por onde anda um missioneiro, leva com grande orgulho as histórias do seu pago.

Os sete povos das missões: Redução de São Francisco de Borja, de São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga e Santo Ângelo Custódio.



QUANDO A CIDADE ENCONTRA O CAMPO

Seguindo os rastros de uma vida judiada
Se apartou do pago
Deixou para trás o afago
De valores em extinção
Dos ensinamentos Cristãos
Que um dia a família lhe dera
Carregando esses sentimentos,
Aos quatro cantos da terra

Cabeça erguida e um pouco assustado
Ainda entendendo o que acontecia
Viu uma gente correndo “a la cria”
Por simples, esse instinto não compreendia

D’antes só havia visto tal tumulto
Quando alguém tocava a gadaria
Pra que tanta gritaria?
De onde vem tanto insulto?
Que distância é essa que se faz,
De um lugar onde era tratado como irmão?
Como pode tanta indiferença,
Se somos todos filhos deste chão?



VERSEJAR

Sentiu-se repontado,
Para tudo há um capataz,
Agarrado firme e tomando nota,
Controlando tudo que se faz!
Cada qual se diz capaz,
De enfrentar os rigores da lida
“De vereda” só lhe veio um pensamento:
Esses viventes não sabem nada da vida!

Quando a cidade encontra o campo
Traz respeito e afeição
Ao gaúcho que sem opção esgarrou-se
por um tanto
Mas não se esvaiu o canto
Da mais pura tradição
E assim nos fez irmão
Em defesa do mesmo manto!



Baseada no projeto “Quando a cidade encontra o campo” de Luiz Marengo e Thedy Correa.

A ideia neste caso, é demonstrar a dificuldade ou o pensamento do homem do campo, em sua adolescência, quando ocorre o chamado Êxodo Rural, da migração do campo para a cidade. Esse apartar das coisas mais simples, que lhe davam sentido à vida, pode não ser uma tarefa fácil e exige adaptação.

A pergunta que fica é:

Quem afinal deveria se adaptar a quem?



O PARAÍSO NÃO FOI PERDIDO

Por mais que se tente
Se fazer acreditar,
Ou mesmo empurre na mente!
Como tentativas de verdades, não há
como negar.

Adão e Eva de fato pecaram.
Sabíamos que a conta viria.
E por causa de um desaforo
O homem ta nessa anarquia.

Não é porque lhe digo isso,
Que vou dar razão ao Jayme
Por mais que eu reclame
E tente as coisas mudar!

Foi nos dado tudo!
Vida, coragem e natureza para apreciar.
E seguimos no mesmo erro:
De não saber amar...

Mas se o paraíso se faz lugar
E por isso, utópico para muita gente eu
lhe digo, de repente...
Vamos parar e pensar
Será que ele,
“O nosso Deus, o meu Deus”
Deixou o rio grande para mostrar

De céu azul, água em abundância,
Terra boa a cultivar.
Gente de ideal,
Que tem um norte
Sem medo de trabalhar!



VERSEJAR

Se vem o frio,
Cortando no pelo pra judiar,
Não falta um pedaço de cepo
E um fogo de chão pra se esquentar

Aqui tem de tudo,
“O nosso Deus, o meu Deus”
Que é divino e misericordioso
Em cada galpão, em cada rincão
Sabe que há um coração bondoso.

Pensou até em caso de doença,
E pra reforço da nossa crença,
Plantou em cada querência,
Uma flor de maçanilha.

Ainda nos deu o cavalo
Pra que o guasca aprendesse:
Mesmo com o pialo
Levantar e não esmorecesse.

E dali se põe a andar
De regalo,
Nele a persona de um amigo
Pra aprender a confiar
E galopar sem temer o perigo.

E não venham me dizer
Que todo lugar é igual
Vai dizer que no teu estado
Tem um Jayme Caetano Braun?



O paraíso não foi perdido
Ele existe, e é missioneiro
Eu é que virei tropeiro
Andei e não percebi:
Tivessem avisado ao Jayme
Pra cruzar no Rincão do Ivay.

*Inspirada na Pajada: “O Paraíso Perdido”
de Jayme Caetano Braun.*

*Nesses versos, tento de alguma forma
dizer ao querido Jayme, para que passe no
Rincão do Ivay, em Bossoroca-RS e veja que
o paraíso não foi perdido. Utilizando-se de
práticas dos índios Guaranys, que habitaram
aquela região por anos e anos, naquilo que
já foi usado de exemplo de comunidade por
grandes escritores e filósofos.*

*Cometo o atrevimento de contrapor o
grande poeta, convidando-o para ir ao
Rincão, há um paraíso, ao menos para mim.*



A ARTE DE MATEAR SOLITO

Fonte de inspiração
Dos poetas missioneiros
Ermanando planos ancestrais e terrenos
Numa equalitaria emoção
A cada ruído da efusão
Uma nova prosa que nasce
Neste intransponível enlace
Da gauchesca tradição

Te olhando lagoa parada
Na tapera dos pensamentos
Como se fora um acampamento
Que só se ouve a bicharada.
Penso que nesta jornada
Que tanta peleia traz
Nos mantém bravo e capaz
Junto a tua lança prateada

Sangue verde da minha essência
Percorrendo as entranhas
É a força que o gaúcho ganha
Tornando-se um: eu, mate e querência.
És a nossa opulência
Nesta gauderiada andança,
Que tomei desde criança,
Para não esquecer a procedência.



Um ritual primitivo
Matear e só depois ir ao mundo
Traduzindo a vida em um segundo
Vista do topete altivo
De quem só tem um objetivo
Pedidos em prece e oração
Despertando em mim a função
Do compreender sensitivo

Que grande amigo tu és chimarrão
Parceiro em qualquer rincão
Perdoa aqueles que não entendem
Da nossa devoção
Eles não fazem distinção,
De cultura são desprovidos
Não entendem que no teu ruído
Tem a mais nativa emoção

E assim, mesmo solito, cultuo
Como extensão do campo enluarada
Na tua lagoa espumada
Lembrando os pagos num escuro interlúnio,
Nas mãos a cuia possuo
E em gratidão a tua bondade
Versejo a tua imensidade
Em simples versos retribuo...



VERSEJAR



MARCELA DO CAMPO

Nobre efusão bugra e gauchesca,
Prova do milagre de são sepé,
Te fez e nos deixou de herança para
alimentar a nossa fé.

Hermanos e ancestrais missioneiros,
Do velho índio guerreiro e de toda sua bravura
A nossa essência guapa de tom amarelada,
Bendita sejas, com todos os poderes de cura.

Pequeno mato estrelado
Com cheiro de terra e sereno,
Não se semeia
Como se faz com qualquer plantio
Ali se cria em qualquer terreno.
Peleando contra calor, chuva e frio
De peito aberto e dali, nativamente brotando
Como quem diz, esta terra é meu lugar
Tuas flores são os ais,
Para o gaúcho campereando



VERSEJAR

Na tua combinação charrua
Com o mate na amargura,
É que expande a esperança em todos os galpões!
Divina és a tua mistura!
E num ato de bravura,
Ajuda pra dor de cabeça, enjojo ou disenteria
É como se o padre eterno
Fizesse uma intervenção,
Abençoando aquele rústico chá,
Pra mais um vivente que ali diz:

A macela tira com a mão.

Macela, Marcela tanto faz o nome.
E assim como uma prenda, se faz em leveza...
Xirúa de laços flavescentes,
Tu és marca selada, da origem da nossa riqueza.
Nos invernos e pelos rincões,
Assim como a sexta-feira, tu te fizeste santa,
Faz jus a quem levanta, pra te colher logo cedito
Assim o Rio Grande te admira:
Nossa milagrosa planta.



A referência neste tema é a Marcela, também conhecida como Macela.

É uma prática passada pelas famílias, com origem indígena, que recomendam o chá da marcela para solução de dores estomacais e cefaleia. Na cultura gaúcha ainda, é colhida sempre na Semana Santa, motivando caminhadas de fé, percorrendo estradas rurais, para a prática da sua colheita.

Segundo o portal, tuasaude.com:

*O chá de marcela ou chá de macela, preparado com a planta medicinal *Achyrocline satureioides*, é rico em substâncias com propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes, antiespasmódica, diuréticas e calmantes, sendo indicado para tratar vários problemas de saúde como dor de estômago, cólicas intestinais, ansiedade, insônia, gripes ou resfriados, ou retenção de líquidos, por exemplo.*

Ou seja, os antigos têm razão.



O MATE E EU

Erva mate,
És o Rio Grande em pó
Que tomamos para nunca esquecer a procedência,
Do teu cheiro que lembra a querência,
E até os arreios no galpão,
Porongo cru, passado de mão em mão
Um pedaço de mim, constante e altivo
Mostrando que não há motivo
De não lutar por este chão.

Dizem que começou com Don Sepé,
Não duvido e tenho fé
Da santuária procedência,
Pois não há na existência mais pura, que
na plenitude
Resgata o que de simples
E que de verdade interessa
Para ir mostrando, sem pressa
E não padecer na solitude!

No teu ronco, um alerta de um amigo prestativo
Que nunca viu um motivo
De enganar ou se eximir
Não tem como fingir,
O teu gosto não mente
És o amargo mais doce
Que algum dia senti.



Na bomba,
A ligação de nós.
Na certeza, de quando só
Frente ao dono da campanha,
Me chama, talvez por “sanha”
Numa façanha mateça!
Sabor de resina com raça
Que além-mundo carrego
Contigo luto e não me entrego
O minuano logo passa.

Vamos lembrar do que aconteceu,
De tudo que o nosso senhor nos deu
E já lanço um último pedido
Depois do dever cumprido
Com os ancestrais missioneiros,
Peço que reconheçam ao adentrar o céu,
Aquele que por vezes comigo sofreu
E nunca me deixou no breu

O mate e eu.



VERSEJAR

Preciso creditar essa pajada ao grande poeta missioneiro: Silvano Saragoso. Foi fonte de inspiração e motivação para escrever sobre o tema.

Estava em São Paulo capital, durante algum momento, naquela selva de pedras, estava apenas o mate e eu. Naquele cenário, havia um pedaço do Rio Grande comigo, um pouco de erva mate que havia levado (como sempre) para a viagem. Imediatamente, encaminhei uma mensagem ao Silvano, dizendo que aquele pouco de erva mate, era como se de alguma forma, o nosso estado estivesse em formato de pó e estivesse ali comigo.

A resposta dele foi: Isso dá uma poesia meu amigo!

Me pus a escrever naquele momento.



UM CHASQUE A
DON NICOLA

Aqui me ponho a escrever
Um chasque de carácter urgente,
Num “olaquetal”?
Como que vai o vivente?!?
Me conta das gauderiada,
Destas andanças da vida...
Da produção, da bicharada,
De como tá judiada a lida.

Como anda o Márcio, Denilson e a Laíze
Já te deram mais um neto?
Para aprender contigo,
Qual o caminho correto.
E lhe digo sem titubear:
És presente, és passado e és futuro!
A marca falquejada
Deste rincão queixo duro.
Pergunto, porque em ti acredito
Que o certo, não é feito só de lembrança

Já fostes até político,
E não se entregou às lambanças!
Sabe fazer, sabe ensinar,
Já te vi até trovar!
Não corre de tempo ruim!
Que saudade me deu agora,
Das conversas quando íamos pescar.



Estes dias chamei o “Da Viola”,
Disse: - Manda esse chasque
Pro “velho” Don Nicola!
Avisa da importância dele
Nesses tempos de outrora
Porque aqui na cidade,
tem muita gente ruim, sem coração,
Não é como no Rincão,
Que tem um sempre pra estender a mão!

Não esquece ainda,
De deixar um abraço na tia Lore!
Pois pode ser,
Que eu cruze no Ivaí, sem demore...
E ainda hoje, me pego pensando
E me afasto, colocando o chapéu
Com respeito, saudade e carinho:
Mando este chasque ao tio Léo!



VERSEJAR

Léo Nicola é um cerne gaúcho e missioneiro. De alicerces firmes e de história pampeana, repleta de lutas e bravuras. O Tio Léo, assim conhecido carinhosamente, é homenageado em singelos versos, após tanto aprendizado que tive em nossas prosas, é bem verdade que em pouco tempo de convívio, mas sempre vividos de forma intensa e de coração aberto.



CARRERO PRO CLUBE

Judiando do plantio,
Costeando o açúde,
Esquivando-se da gralha:
O carrero do clube!

Trilha marcada pelo andado
Caminho bem traçado,
Para o trago e a bocha,
Do vivente que é dali
E não afrouxa!

O silêncio,
Cortado pelo canto da saracura,
Traduz aqueles que de alma pura
Cruzaram ali no rincão.
Que se largaram pro clube,
Para cultivar a tradição!

Com roseta e pega-pega, pinicando.
De um bote da avestruz, se esquivando.
Ali na espreita, perto do Barreiro!
Testando se tu é ligeiro,
Pra algo que vem do nada...



Pra ajudar vem a estropiada,
Chamando a atenção do quera.
A cerca maldita na frente,
Me arrebenta a canela,
Num infinito vaivém!

Mas a calma logo vem,
Quando dali vejo o campo de sete...
Já perto, cruzei os bretes,
Mas que coisa mais baguala esta rústica travessia!
Vira igual égua que grita,
Mas não nega uma camperia

Na volta, à noite,
Proseando com o tio Cate,
Pensei: a tia Nely já fez o mate!
Ou “avalá” um carreteiro...
Só quem conheceu o carreiro,
Sabe o que de fato digo.

Tu que nasceu no xucrismo
A se guiar pelas Três Marias,
Se tu não conhecesses o carreiro
Naquele breu se perdia!
E dali já se via no meio “das capoeiras”
Quando menos percebia.

O que carrego na lembrança,
É onde cruzei quando criança
E tanta coisa boa me traz.
Me faz pensar, que paz...
No tempo da minha infância!



Podemos definir “carrero” como uma travessia rústica, pois é criada através da passagem de pessoas ou animais, em um ambiente nativo, deixando rastros, através da abertura da passagem de caminho. Neste caso, havia um carrero de 1,5 km, aproximadamente, entre a casa do Tio Cate e o Clube, onde éramos contemplados com uma paisagem, infinitamente linda, com açudes, mata nativa, gado, ovelha e os quero-queros, com seus rasantes, na proteção de seus ninhos.

Havia ao lado esquerdo, a plantação de soja, sempre recomendada para não ser pisada (O que nem sempre era seguido). Eram duas cercas que faziam a divisão de terras, todos os proprietários eram devidamente cumprimentados e saudados aos gritos de “Buenas, vamos pro clube”? Uma maravilha.



FUTEBOL NO IVAY

O campo já está no feitio!
Cada jogo é um treino,
Preparando pro entreveiro
E pro próximo desafio.
O Miguel já chama no assobio,
Diz: É sete pra cada lado!
O campo tá encharcado
Já avisou o cabinho
Pensando no primeiro carrinho,
Azar do campo esburacado

E o jogo já começou...
O Pite joga sempre baleado
Pra tu entender o estado
Até de muleta ele jogou
É uma perna boba e outra manca!
O Finório já pega a bola e arranca,
Cruzando pro Carvão...
É bola de um lado e goleiro no chão
E o gritado está estabelecido
É um a zero! Diz o Airton,
E quem reclamar é chorão!

A bola cruza perto da casa do Barrero
O Aba-Aba Já não é mais goleiro
Segura o home! O bicho é ligeiro!
Quando viram, já corria lá pelo meio,
E do lado de fora, o Coxilha dizia
“No tempo que eu corria,
Era eu e o Verdejo”
E hoje, pelo que vejo,
A gurizada só quer folia!



Ola que tal;
Vem chegando mais gente...
Vem o Marujo, Nanico, Nikão,
Nego bicho, capincho e o Ratão,
Coloca o Vandão lá na frente!
É assim que cada um mente,
Dizendo que tem fama de jogador
Olha lá, que já deu bolor!
Se arrebentaram a la cria!
A bola ninguém mais via,
É só balão no fedor

Lá da cidade vem chegando a gurizada...
O sol a sol ta chegando,
E o Sequilha se escalou, diz que sai jogando
O Cristian se sobrar, diz que pega a zaga.
A noitada está liberada,
É assim o futebol no rincão!
Tudo em família, como irmão,
O jogo acaba e a calma restabelece.
O tio Léo manda e a gente obedece,
Amanhã tem trabalho para o peão.



Essa payada é uma homenagem aos grandes personagens que fizeram/fazem parte do querido Rincão do Iway, uma das grandes paixões da comunidade é o futebol. Assim como todo o estado do Rio Grande do Sul, segregado entre gremistas e colorados, muitas vezes, era dessa forma a divisão das equipes. Contudo, os jogos “amistosos” eram apenas a preparação para o grande evento: O torneio de sol a sol, com as demais comunidades rurais. Se em algum momento, precisar a definição do que é futebol raiz, é preciso resgatar os relatos de quem participou desse evento.

Acho que daí, tivemos a origem da expressão: “cabeça para baixo é canela!”, reza a lenda, que cada dividida saltava faísca. Mas como diz a própria payada, as diferenças limitavam-se ao âmbito do campo, pois fora dele, eram todos irmãos.



TIO CATE

Outrora na costa do lajeado
Na beira do Piratini
Nascia um índio Guarany
Estilo bugre e barreado
Ali mesmo no costado
O sol radiante nascia
Pois era daquela cria
Que agora, alegrava o Rincão
Para honrar a tradição
E a sua história escrevia

Nomeado Derli Caetano da Pieve,
De nada, tio Cate temia
Até o “homezinho” corria
Taura igual não teve
Dali ninguém se atreve
A lhe negar uma gauderiada
Era o primeiro a pegar a estrada
Assoviando uma chamarra
Uma milonga ou uma guitarra
Junto a canha destampada



Ensoava no teu canto
A velha gaita de oito baixos
Contigo conversando baixo
O que trazia o encanto
Melhorando por um tanto
Como diria os segredos do coração
Como aquela triste canção
Cantando a vaneira do Don Ortaça
O testemunho do guasca
Da genuína tradição!

Ah tio, preciso lembrar dos teus guris
Era o Dalcione, Delonar e o Darlei
Crias do Ivay, ainda me permitirei
Em falar da tia Nely
E já pegando o carrero
Se “larguemo” paro o entrevero
O velho caminho do clube
Vamos costeando os açudes
E já de olho nos pesqueiros



VERSEJAR

E amanhã de “manhãzita”
vamos pro povo, tio
No ritmo do assovio
No entoar da chamarrita
Tocando as caturrita
Que na lavoura bate
Vamos Nanico!
Diz o tio Cate.
Tal como um amadrinhador
Cuidando com todo amor
Já alcançando o mate

Me passa o fumo parceiro
Já dizia tio Cate conselheiro
No acampamento era o primeiro
Conta causo e ajeita o pesqueiro
Com o “Coxilha” não tem tempo ruim
Já melou os camoatim
Fazendo a frente no rincão
Já ajeitou o galpão
E é mais um dia que chega ao fim



Saudade tua, tio Cate
O mundo precisa de mais pessoas assim
Que esse não seja o fim
Mas o iniciar de uma nova geração
Daqueles que acreditam na tradição
Do verdadeiro gaúcho pampeano
Talvez Deus tenha um plano
Pra te levar junto a ele
Para aumentar a fé naquele
Que foi o maior dos paysanos!

*Essa pajada é uma homenagem à pessoa
mais extraordinária que conheci: tio
Cate. Poderia contar causos por horas
dele, mas precisaria escrever pelo menos
mais um livro para tal.*

Faz muita falta!



PAYADA DA AUSÊNCIA

Para quem já se foi
Ou quem ainda há de chegar
Pode ser a falta de alguém para prostrar
O mate com erva pelo meio
Causando o maldito anseio
De quem foi e não volta mais
O amargurar de quem jamais
Conviveu com a ausência
Peleia com a insistência
Em uma eterna busca de paz

O dia vai nascendo
Dos sonhos que ficaram a esmos
Deixando por isso mesmo
Por tudo que já fizera
Por tudo que um dia quisera
As raízes se fazem presentes
Nascem junto aos ausentes
A cada oportunidade
Do proveito de verdade
Sentimentos insistentes



Só quem tem algum feito
Sabe que nesta caminhada
Tem a difícil jornada
De pelear em campo solito
Assim como Sepé, no grito
Tombou e peleou pelo seu povo
Gaúcho que não leva desaforo
Sozinho também se entrega
Firma a rédea e não nega
O Rio Grande como verdadeiro tesouro

Nessa payada registro as ausências
Ausência de um amor
Ausência de um valor
Ausência de um presente
Ausência do direito de se fazer ausente
Ausência de falar sem julgar
Ausência de matear por celebrar
A maior de todas as ausências que tem
nome de querência
Na qual irei sempre guardar.



*“No cartão de procedência
Pouco importa onde nasci
Busquei rumo e me perdi
Querência, minha querência
Desde então me chamo ausência
Porque me apartei de ti”*

*Querência, tempo e ausência,
Paisagens Perdidas.*

- Jayme Caetano Braun

*Me chamou a atenção o carinho, amor e respeito que a minha esposa possui, na lembrança do seu Avô. O cenário rodeado de saudade e lembranças, me inspirou, por isso, a *Payada da Ausência* é dedicada, com todo respeito, à memória de Ely Fróes.*

EPÍLOGO



NÃO SOU PAYADOR

Não sou poeta.

Não sou payador.

Apenas versejo o Rio Grande do Sul,

Por quem tenho tanto amor.

Construo alguns versos

Dispondo da antena da emoção

Quando penso no pampa

Vem no radar da inspiração

Como um sinal de rádio
Que encontra a sua frequência
É assim que me conecto
Quando descrevo minha querência

Se mania o coração
A inspiração se faz vida
Palavras saltam do peito
Por uma vivência sentida

Não sou payador
Nem por isso me afasta
Escrevo do orgulho gaúcho
Só por isso me basta.



VERSEJAR

*Estas estrofes são autoexplicativas,
definitivamente: Não sou pajador.*

*Prova disso é que a grande construção
dos meus versos, estão longe das
métricas e perfeições de rimas.*

*Mas a admiração e a vontade de cultivar
a tradição Gaúcha, falam mais alto.
Primeiro, que é um grande desafio e
responsabilidade escrever sobre o tema.
Segundo, é um espaço ocupado por
grandes pajadores e eu jamais me
atreveria, a tentar sequer, qualquer tipo
de comparação a eles.*

*É orgulho das nossas tradições e de
alguns fatos contados em versos.*

Simples assim.



SOBRE O AUTOR

Cristhiano Correa Peruzzi, nascido nas raízes do Rio Grande do Sul, missioneiro de Santo Ângelo, encontrou inspiração nas tradições e na cultura rica de sua terra natal para explorar um território literário peculiar: as “Pajadas Gaúchas.” Esta forma artística de narrativa, profundamente enraizada na cultura gaúcha, é o foco do seu livro mais recente, que promete encantar leitores, “versejando” histórias envolventes e poéticas.

Cristhiano cresceu cercado pelas paisagens campeiras, pelo chimarrão e pela música missioneira gaúcha. Inspirações que transportam os leitores a uma viagem poética e cultural pelos pagos, lendas e tradições do Rio Grande do Sul, com uma abordagem contemporânea. Sua habilidade de contar histórias, aliada ao seu conhecimento e vivência na região das missões do estado, permite que ele explore as narrativas gaúchas de uma forma única, mesclando tradição e poesia.

Com sua profunda admiração e inspiração em Jayme Caetano Braun, o autor personifica a ligação entre a cultura e a modernidade, demonstrando o seu talento, no compromisso de manter viva a tradição das pajadas por meio de versos. Seu livro é mais do que uma simples leitura: É uma experiência que celebra as raízes e o futuro do Rio Grande do Sul, tudo isso, no embalado envolvente das pajadas.





Este livro foi composto pelas fontes Minion
Pro, Rosarivo e PT Serif.

Editora do Centro Universitário de Brusque.

Unifebe, Brusque - SC.

Dezembro de 2023.



“Recordações de infância, a convivência com pessoas especiais que já partiram e outras que continuam a trilhar conosco. Lugares que nos transportam em viagens através de pensamento e lembranças. A vida simples, humilde e genuína, como a encontrada em um distante rincão do interior do nosso Rio Grande do Sul, serviu de inspiração ao autor para transformar em versos e pajadas, a rica história gaúcha que nos cerca. O cotidiano, o campo, as lavouras e a esplêndida paisagem do rio Piratini, nos instigam a exaltar esse sentimento profundo, em relação ao nosso querido Rincão, onde passamos os anos de nossa infância.”

— Cristian Peruzzi

